

OS RESULTADOS

Sabedores de que um camarada nosso ia mudar de residência, saindo da sua terra natal, tratámos de indagar das razões porque tomava uma tal deliberação.

Segue a resposta:

« Presado camarada: Saúde. Recebi a sua carta e em resposta venho dizer-lhe qual a causa porque resolvi sair da Azambuja. Enquanto eu não fui para a Guerra, ninguém se lembrava de mim. Hoje, como sou inválido e não posso nem preciso trabalhar, todos os invejosos desta terra reclamam contra os inválidos porque—dizem—êles—recebem dinheiro de mais, enquanto êles andam fartos de trabalhar para ganhar para a gente comer. Ainda êste ano passado houve um malandro que me foi **esperar ao caminho** e me disse que eu **tinha de lhe emprestar ou dar dinheiro** ou a **bem** ou a **mal!** Ainda pensei em comprar uma pistola para me defender dos invejosos e *ladrões* mas, como abandonei o emprêgo, pensei imediatamente em abandonar esta localidade para assim viver um pouco mais tranqüilo da minha vida. Também tomei esta resolução para evitar um mau encontro, que poderia vir a ser a minha ruína e dos meus. Como «quem não aparece esquece», entendo que é esta a melhor forma de proceder. Aqui tem, o meu presado camarada, a razão porque saí da Azambuja. *João Heitor, 2.º sarg. G. I. G.* »

Mais uma demonstração dos frutos colhidos com a publicação do Decreto 21.990! Mais um depoimento grave, gravíssimo, contra a doutrina do Decreto n.º 21.990!

A campanha torpe, levada a cabo com o fim de prejudicar e retirar aos inválidos o prestígio que lhes provinha do seu sacrifício em prol da sua Pátria, produziu os efeitos desejados.

Os Inválidos de Guerra veem-se na dura necessidade de fugirem das suas terras, da terra onde pela primeira vez virem êste lindo sol de Portugal, para evitarem uma perseguição afrontosa, indigna, baixa e miserável.

Muito respeitôsamente, nós, os Inválidos de Guerra, que defendemos a nossa Pátria de armas na mão, ousamos perguntar:—¿E' isto justo? Muito respeitôsamente ousamos perguntar:—¿Quem é que nos garante as nossas vidas e as nossas bolsas?

Já se passou da calúnia ao assalto; obra para que muito concorreu certa imprensa do centro de Portugal. Estão satisfeitos os sequazes dessa criminosa imprensa onde predominam os trãnsfugas da guerra, os heroicos Torrejanos e os distribuidores de pão?

João Heitor é um inválido que não tem uma perna; é um inválido que perdeu uma perna em defesa da sua Pátria. Para sua maior infelicidade, João Heitor pesa, 85 quilos, o que quási o impossibilita de se poder deslocar.

Pois é a êste infeliz que um canalha, que um bandido, que um **ladrão** assalta e intima a **dar-lhe** ou **emprestar-lhe** dinheiro, a **bem** ou a **mal**...

A campanha miserável urdida contra nós, e chancelada com o Decreto 21.990, colocou-nos nesta situação desgraçada, pois deixou, no público ignorante, a impressão de que nós vivemos uma vida de **nababos**.

Pedimos providências urgentes! A não serem tomadas rigorosas medidas de protecção às nossas pessoas e bolsas, vêr-nos-emos na dura necessidade de nos armarmos, convenientemente, para nos fazermos respeitar. E neste caso ousamos perguntar:—¿Quem toma a responsabilidade duma desgraça que possa vir a dar-se?

Mas nós já cá temos mais casos graves a relatar.

Estamos absolutamente convencidos que o Decreto 21.990, se não houver da parte de Alguém uns instantes de consideração por nós, ficará tristemente celebrizado na vida dos Inválidos de Guerra Portugueses.

Eis os tristes resultados.
